

NARRATIVAS PANTANEIRAS: HISTÓRIA CONTADA, HISTÓRIA VIVIDA

*Maria das Dores Capitão Vigário Marchi**
*Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira**

O trabalho apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados. Nesta pesquisa analisam-se narrativas orais coletadas em duas sub-regiões do Pantanal do Brasil: Nhecolândia e Nabileque. O registro das narrativas foi feito por meio de gravações em fitas cassetes e teve lugar nas rodas de *tererê/chimarrão* – os contadores sentavam-se, acompanhados da erva, da cuia, da água (fria ou quente), da bomba, com seus companheiros de lida, com seus interlocutores e iam desfilando lembranças, vivências e um espaço.

O objetivo do trabalho é mostrar que, nas várias histórias, sustentadas pelas narrativas orais de cada contador (e nas quais o testemunho revê o que se passou com os olhos do presente), um espaço sempre se mostra, uma paisagem sempre vai sendo construída: a paisagem de regiões do Pantanal. Para isso, ao longo do trabalho, serão apresentados trechos retirados das narrativas coletadas que mostrarão esse imbricamento das histórias contadas e vividas com o espaço e evidenciarão um desfile de lugares.

As duas sub-regiões elencadas fazem parte da planície que constitui o Pantanal Sul-mato-grossense. Parte dessas sub-regiões está freqüentemente sujeita a inundações, provocadas pelo transbordamento dos rios que cortam o Pantanal. Na planície das duas sub-regiões encontram-se formas de relevo peculiares à planície pantaneira: *baías, capões, varadouros, vazantes, corixos*. Contudo, cada sub-região é marcada por algumas

* Professoras do Departamento de Comunicação e Expressão da UFMS.

características que a particularizam, por exemplo, as que se referem à vegetação, ao relevo. A Nhecolândia é singularizada pela presença de *aguaçuzais*, *campo limpo*. O Nabileque, pela presença de *carandazais*, *morraria*.

Os contadores das histórias recolhidas, homens e mulheres, são moradores ou de fazendas pantaneiras, ou de cidades vizinhas (Corumbá, Bonito, Porto Murtinho) às regiões rurais pantaneiras investigadas. Os contadores/moradores das fazendas lá estão para trabalhar, acompanhar o dia-a-dia, a lida do campo ou da casa ou para reviver as suas experiências – o antigo trabalhador pantaneiro tem, por vezes, dificuldade de se adaptar em um outro ambiente, por exemplo, o urbano. Os contadores/moradores das cidades são antigos moradores da região rural pantaneira que se mudaram para a cidade, ou porque não podiam ficar mais na fazenda em que trabalhavam (em razão de aposentadoria) ou porque estão acompanhando filhos, netos.

A relação desses homens e mulheres com a planície pantaneira onde convivem e conviveram grande parte de sua vida é estreita e vai sendo mostrada em cada roda de *tereré/chimarrão*, momento em que a sua vida vai sendo contada. A relação do contador com o espaço que lhe serve ou serviu de morada mostra, diz para o interlocutor/*estrangeiro* a importância desse espaço/paisagem no universo pantaneiro. Nas várias histórias, *aguaçuzais*, *carandazais*, *morros* vão sendo registrados. Nas histórias levantadas, o narrador testemunha a sua verdade, apresentando-nos esse espaço singular que desperta, aguça a imaginação, o mistério. Cada relevo que se evidencia na planície vai construindo o desenrolar da memória. As lembranças do passado, às vezes, são despertadas pela presença ou pela imagem da paisagem – ela facilita o ressurgimento da história vivida. Outras vezes, as lembranças, ao serem reconstruídas, não têm como ponto de partida o espaço, mas criam um espaço: o das diferentes formas de paisagem que permanecem fixadas como pano de fundo das histórias.

A seguir, visualizam-se trechos de histórias em que o espaço, seja o da Nhecolândia, seja o do Nabileque, ao guardar suas formas na paisagem, funciona como suporte material para a conservação da memória – em cada lugar um acontecimento é lembrado:

Lá, pra lá essas baías no campo assim, aí: +¹ nós era em, de quatro, né! Aí laçava, quando laçava o boi (...) (Nhecolândia)

Aquí nesse mato, já existia aquí assombração, que tinha uma fazenda aquí. Então todo sábado eu vinha no bolicho fazer uma comprinha na garupa (...) (Nhecolândia)

1 +, ++, +++ e :: são convenções adotadas na transcrição das narrativas orais pantaneiras.

Tem uma tapera aí, mas muito assombrada (...) (Nhecolândia)
(...) no aguaçuzal, na fazenda Campo Neta (...) ele surgiu, esse homem ++ era um monstro
(...) ele pegou um guri, levou e andou com ele muito tempo pra o mato (...) (Nhecolândia)
No corixo tinha morrido um. afogado de cavalo. (Nabileque)
Santa Maria e Campinas, esse existe. Porque lá é assim + esse:, como que chama: aguaçuzal, que falam, falam babaçu. né, que some de vista, ali que existe isso ++ tem gente ++ uma vez (...) *ai extravia mesmo.* (Nhecolândia)
Na nossa mata ali tem um tal de gritador. (Nabileque)
(...) de vez em quando ele vem dessa morraria para atacar. (Nabileque)
(...) tinha até uma mata lá que chama Capão do Mãozão. E: ele ++ ele mora dentro dessa mata. ele é dali daquele lugar. (Nhecolândia)
(...) esse varadouro uma vez, sai correndo nesse varadouro. (Nhecolândia)

Contadores constroem suas narrativas a partir de um espaço e, assim, numa cadeia de vozes e testemunhos, que narram, sob diferentes pontos de vista, vão surgindo *baías* quando a travessia pelo *mato*, permitida pela presença do *varadouro*, termina. Os *corixos*, as *taperas*, os *aguaçuzais*, as *morrarias* vão se desenhando por *léguas de matas, campos* e histórias. Os fatos vão sendo desfiados com a presença de uma mola propulsora – o espaço físico desenhado. O espaço é o responsável, então, pela rememoração, pelo não desaparecimento de rastros da memória – eles estão na *morraria*, no *aguaçuzal*... Em cada lugar, constata-se uma vivência, seja a laçada com os companheiros, a presença de uma assombração, de um movimento estranho, a morte de alguém, o desaparecimento de um menino.

O espaço é tão importante na manifestação das lembranças de cada um, nos textos, que, mesmo quando ele não puxa o fio da narrativa, ele é cenário de sua realização. No desenrolar de cada história, a paisagem do Pantanal é personagem presente, que é marcada por fazendas com suas grandes áreas, nas *enchentes*, na *seca*, com suas *vazantes, corixos, baías, logradouros, barreiros*. Vejamos alguns exemplos:

(...) quando chegamos num lugar que não tinha nem trilheiro, começando a escurecer, eu nem sabia nem o rumo que ia. (Nabileque)
(...) – Você escitou? Ele falou: – Escutei. Que rumo, que lado?! Que rumo?! Que lado?!
(...) pra mim é pro lado do morro. É que o retiro fica entre uma mata grande e um morro. (Nabileque)
(...) teve um empreiteiro que: tava tirando madeira, aí ele foi num capão daquele agora, esse capão que ninguém caça a vida inteira. (Nhecolândia)
(...) daí chegou lá nesse mato, a cachorrada entrou no mato e começou a acuar lá de novo. (Nhecolândia)

Então aqui na mata e pro lado de lá da mata ++, então combinava com os companheiros, quando o gado descia de lá pra cá e a gente não enxergava, porque a vazante é larga. (Nabileque)

(...) aí o jaú estava respirando, ele estava sem oxigênio (...). Mas o jaú afundou, ele afundou que saiu longe, assim, e nós fomos atrás (...) (...) e ele foi cansando sem oxigênio, né, fiquei olhando um jeito pra laçar. (Nabileque)

(...) chegaram no meio do campo e se perderam. Fiquei olhando aquele bambuzal. (Nabileque)

(...) ele entrou na baía, ele entrou na baía e o vulto dele lá. (Nabileque)

(...) eu tinha que cruzar uma vazantezinha e subir um barreiro limpo e daí descendo a vazante grande, quando cruzei (...) gritou alto e comprido. (Nabileque)

Uma vez, naquele mesmo rio ali, ali naquele rio, nós fomos passar de noite e o rio estava cheio (...). (Nabileque)

(...) a casa e o mangueiro estava assim de um lado e do outro tinha um corixo (...) e nós tinha que nadar todo dia de manhã pra ir no mangueiro. (Nabileque)

O pantaneiro, levado por *trilheiros/bitolas*, que vão de um *campo* a outro, de um *retiro* a outro, de uma *fazenda* a outra, vive e presencia “aventuras” de um cotidiano que acontecem no *capão*, na *morraria*, nas *matas*, nos *rios*, na *imensidão dos campos*. Embora, por vezes, o espaço apontado nas narrativas seja um espaço que denota diferenças de paisagens que existem entre uma sub-região e outra, o que marca é que ele está sempre presente. As ações estão sempre surgindo em locais determinados: o tirar madeira acontece, por exemplo, no *capão* proibido onde *ninguém caça a vida inteira*; o acuar a temida onça, que come as reses do rebanho e ataca o peão, é observado nas *matas* e, em algumas histórias, perto da *morraria*; o campear o gado é registrado, por vezes, nos arredores da *vazante*; o laçar o jaú, que vem à tona à procura de oxigênio, tem como cenário o *rio*, as *enchentes*; perder-se acontece nos *campos largos*, passando por *capões*, *trilheiros*, *bitolas*...

O que se vai percebendo, também, é que esse espaço é responsável pela construção da visualização de algumas profissões peculiares: *empreiteiro*, *praieiro*, *retireiro*, *bagualheiro*, *logradeiro*, *carreteiro*, *peão*. Vejamos exemplos:

(...) teve um empreiteiro que: ++. Aí ele foi num capão daquele (...) esse capão ++ ele foi tirar. bater no pé de uma madeira pra tirar: ele escutou uma voz. (Nhecolândia)

(...) o pessoal foi e ele ficou até mais tarde. Aí: ajudando a mãe dele, serviço de praia. né. Aí ele ia limpando, dando comer ao porco, tirando leite (...). (Nhecolândia)

(...) aí cheguei lá no retiro, quem era o retireiro (...) aí ele falou (...). (Nabileque)

(...) e aí tava no serviço, bagualhava, também tirava o gado do mato, assim, e saiu do carandazal e ele saiu perto desse gado. (Nabileque)

Nós batíamos de noite (...) o gado, ele saía da mata pra o limpo à noite ++ pra beber água e :: pastar; então, aí nós aproveitava ++ pra atropelar os bicho. E a gente laçava (...). (Nabileque)

(...) saí atrás dessa vaca, né, daí saí procurar; fazer logradouro, subi neste morro atrás da vaca. (Nabileque)

(...) andamos bastante dentro da mata, tinha um trilho, um trilho que ia, é: que era um logradouro, de pegar gado baguá, aí andamos bastante. (Nabileque)

(...) o gado descia de lá pra cá e a gente não enxergava, por que a vazante é larga, ele fazia sinal (...) então aquilo significava que o gado desceu lá, né, +++ e aí nós (...). (Nabileque)

(...) ia trazendo na estrada uma carreta que tinha quebrado. (Nhicolândia)

(...) quando levantamos o laço, meu cavalo rodou +++ e me machucou. Me levantei (...) viemos pro rancho. (Nhicolândia)

Tinha uma mata muito grande que foi devastada agora, três léguas de mata aí (...) eles ia caçar, a onça comia uma rês e eles largava os cachorro na mata. (Nhicolândia)

(...) o peão fechava a tropa no mangueiro e nós arreava a tropa e saía de manhã e voltava à noite. Amarrava o boi o dia inteiro dentro do barro e água. (Nabileque)

Um dia, nós andava laçando boi (...) um rapaz, que era muito laçador lá, tinha laçado um boi e tambeou o boi, aí eu deixei eles tambeando e saí procurando batida de mais boi. E achei onde entrou um lote de boi, eles acabaram de amarrar o boi e voltaram assim, numa meia vazante e eu fui beirar o mato e ia comigo um cachorro chamado leão, e aí escutei um barulho que vinha correndo (...) deve ser anta. E era uma onça muito grande (...) e aí eu atirei nela, né!

(...) ele tava domando no mangueiro (...) o cavalo pulou, jogou ele pra cima, assim de lá ele caiu bem de ponta, quando ele firmou no chão, assim, o cavalo se abriu e soltou o pé na barriga dele. (Nabileque)

Na seca, o gado entrava dentro daquela sanga pra ir tomar água lá :: no fundo da sanga e ele de noite de lua clara. Eles iam e esperavam a saída do gado. Então de tarde um peão lá no fundo da grotta, quando o gado entrava, saía o peão, assustava o gado lá e o gado saía e eles laçavam. (Nabileque)

As narrativas, delimitando um espaço, têm a qualidade e a virtude de acompanhar o dia-a-dia da fazenda. Nelas, aparece o movimento daqueles que lá trabalham. O *bagualheiro* – nos *campos*, nas *vazantes*, perto das *matas*, do *carandazal* – em grupo, na noite de luar claro, procura a batida do *boi baguá*, *laça*, *tambeia* a rês arisca que se mantém, na luz do dia, escondida. O *bagualhador precisa ser campeiro corajoso, ter cavalo bom, sinuelo*. O *retireiro* – no *retiro* situado em algum canto na vastidão das fazendas, por vezes, entre o *morro* e o *mato*, outras, no *campo limpo* – é responsável, cuida do gado colocado em uma parte do *campo*. O *empreiteiro* – na *mata*, na proximidade da *mata*, no *capão* – tira, para servir a fazenda, madeira do *mato*, faz a cerca. O *praieiro* – nas redondezas da sede da fazenda, no pomar – desenvolve a rotina de

limpar a *praia*, o quintal, cuidar do pomar, da criação doméstica. O *logradeiro* – na *beira da água* –, na *seca*, “faz guarda”, espera a entrada do boi num *logradouro*, “curral” montado à *beira da água*, para fechá-lo. “O *carreteiro* – nos corredores que atravessam os *campos* – *vijava vinte, trinta léguas, pra ir surtir o carro de bois lá no boteco. Pra levar a mercadoria pra poder comer lá na fazenda*, para carregar a madeira. O *peão* – nos *largos*, nos *retiros*, na *mata*, por vezes, *dentro do barro e água* – trabalha *em fazenda, correndo a terra de campo* e assume ora o bagualhar, ora o laçar, cabeças do lote de gado na *seca* ou na *enchente*, ora o domar um cavalo – nessa rotina pode sofrer *machucadurazinha, sonseira pouca* ou sofrer acidentes mais sérios: *me criei na lida, por isso sou todo machucado*, pois, às vezes, o boi ataca o peão, outras *o cavalo acerta um buraco, tem um buraco redondo assim, o cavalo acerta ali e vira por cima da gente, né, é difícil não quebrar*.

Nas histórias, o espaço “possibilita” a utilização e a conseqüente visualização de diferentes meios de transporte na região. Cada história apresenta-nos momentos de experiências inscritos num tempo e fixados numa paisagem, ora atravessada por *cavalos, mulas, burros, bois, carros de bois*, ora por *tratores, jipes, chalanas, aviões*. Vejamos alguns exemplos:

(...) at ele foi lá no acampamento e mandou um peão pegar um cavalo e ir lá na fazenda buscar o trator pra ele mudar de lá. Ele não terminou a cerca. Ficou com medo do (...). (Nhecolândia)

Então ele (...) viu aquela novilha (...). E atropelou a mula em cima e laçou e laçou e rodou um pé de paratudo. (Nabileque)

(...) a turma tava no galpão tomando tereré: (...) encosta o burro pra cá.

(...) e vinham naquele boi, boi de sela. (Nabileque)

(...) atolou o carro e eles foram tirados, desmanchou a roda do carro, e at eles tiveram que ficar, acampar ali no lugar pra fazer a roda do carro de novo, de novo, pra poder seguir viagem. Cortaram madeira, com, com serrote, com facão, pra poder fazer a roda da carreta. (Nabileque)

(...) eu tinha comprado um jipe, primeiro carro que apareceu aqui. (Nabileque)

(...) vamos pescar, vamos pescar, vamos aí, nós seguimos na beira do corixo, assim, e pegamos a chalana (...). (Nhecolândia)

Ele estava juntando o gado (...) e o piloto queria soltar um bilhete, então deu um rasante e esparramou o gado dele. (...) o piloto deu outro rasante de novo, aí ele estava bravo, ele jogou o laço e laçou, pegou na asa do avião. (Nabileque)

A cada olhar, percebem-se meios de transporte “adaptados” à região. Cada um deles serve particularidades de uma paisagem construída, também por fatores climáticos e geográficos: a paisagem onde habitam os contadores.

Os narradores propõem-se, então, num jogo de sedução, que aqui não foi sublinhado, a contar uma história e o contar é para eles um campo privilegiado para a vivência de uma nova e diferente conjunção de sensações, recordações, experiências e conhecimentos. A voz dos contadores, movendo-se do espaço para o interlocutor, diz – a história de um povo e provoca o cruzamento de diferentes temporalidades:

“tinha muito gado naquela época aqui”, “tinha mais de cinqüenta mil reses quando eu trabalhava”; “nós era em quinze, dezesseis peões só de campo”, “mas tudo parelho; a campeirada era boa, antes, a de hoje não presta mais”; “antigamente + era muito grande essa mata do Pantanal, né”; “antigamente bicho do mato era em qualquer parte; mas o movimento aqui era muito grande”.

O narrador, na sua história, na sua fotografia, é testemunha da passagem inexorável do tempo e, por vezes, tenta voltar e contar como era a vida naquela época. Desse modo, as histórias e o espaço vão se mostrando arquivos da memória – de uma memória coletiva. O olhar do narrador, ao percorrer cada história contada, cada canto das fazendas, dos imensos campos, cria cenas que remetem o “expectador” a um outro tempo, um “tempo áureo”, passado. E assim os temas surgem do passado, estimulados pelo espaço e pelo contato com os companheiros, com os interlocutores na roda de tereré. Cada espaço suscita imagens que ficaram impressas na paisagem, na memória – os vestígios do espaço trazem imagens que representam a experiência contada, vivida.

A memória do grupo não menos que a faculdade individual (...) tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida. (...) é evidente que cria a história, ata o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura.²

2 P. Zumthor, *Tradição e esquecimento*, Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich, São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 13 e 14.